

Tempo Escola e Tempo Quilombo - o Cultivo da Mandioca e as Casas de Farinha Como Elementos de Resistência Cultural Dos Quilombos. O Estudo de Caso do Quilombo de Angico

School Time And Quilombo Time - Cassava Cultivation And Flour Mills As Elements Of Cultural Resistance In Quilombos. A Case Study Of The Quilombo Of Angico.

Tiempo Escolar Y Tiempo De Quilombo - Cultivo De Yuca Y Molinos Harineros Como Elementos De Resistencia Cultural En Los Quilombos. Un Estudio De Caso Del Quilombo De Angico.

Edson de Barros Rodrigues¹

Maria Márcia Rodrigues de Almeida²

DOI 10.70678/sala8.v1i10.1557

Relato de experiência

Linha de Pesquisa: Educação e Direitos Humanos.

RESUMO

As atividades sobre o tema mandioca e quilombos foram realizadas com os alunos da educação de jovens e adultos quilombolas (EJA Quilombola), no quilombo de Angico, município de Bom Conselho-PE. Utilizando a pedagogia da alternância, os trabalhos envolveram estudantes, professores e membros da comunidade em aulas teóricas e práticas, como debates, leituras, viagens, participação em feiras e troca de saberes. O objetivo é despertar a importância dos saberes da comunidade, relatar a história do cultivo e beneficiamento da mandioca, fortalecer a identidade quilombola, permitir o protagonismo dos alunos no fazer educação e dá início ao projeto da museoteca quilombola.

Palavras-chave: Tempo escola. Tempo Quilombo. EJA Quilombola.

¹ Governo de Pernambuco, Professor, Pós-Graduado em Ensino da Matemática, e-mail: edsondebarrosrodrigues@gmail.com

² Governo de Pernambuco, Professora, Pós-Graduada em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista, e-mail: marciadoquilombo@gmail.com

ABSTRACT

Activities on the topic of cassava and quilombos were carried out with students of the quilombola youth and adult education (EJA Quilombola), in the quilombo of Angico, municipality of Bom Conselho-PE. Using the pedagogy of alternation, the work involved students, teachers and community members in theoretical and practical classes, such as debates, readings, trips, participation in fairs and the exchange of knowledge. The objective is to raise awareness of the importance of community knowledge, tell the story of cassava cultivation and processing, strengthen quilombola identity, allow students to take a leading role in education, and launch the quilombola museoteca project.

Keywords: School time. Quilombo time. EJA Quilombola.

RESUMEN

Se realizaron actividades sobre el tema de la yuca y los quilombos con estudiantes de la Educación de Jóvenes y Adultos Quilombolas (EJA Quilombola), en el quilombo de Angico, municipio de Bom Conselho-PE. Utilizando la pedagogía de la alternancia, el trabajo involucró a estudiantes, profesores y miembros de la comunidad en clases teóricas y prácticas, como debates, lecturas, viajes, participación en ferias e intercambio de conocimientos. El objetivo es concienciar sobre la importancia del conocimiento comunitario, contar la historia del cultivo y procesamiento de la yuca, fortalecer la identidad quilombola, permitir que los estudiantes asuman un papel protagónico en la educación y lanzar el proyecto del museoteca quilombola.

Palabras clave: Tiempo escolar. Tiempo de quilombo. EJA Quilombola.

1 INTRODUÇÃO

“Macaxeira”, “Aipim”, “Mandioca”. Muitos são os nomes e histórias em torno dessa planta que nutriu e alimentou os povos do nosso território. Câmara Cascudo, um dos precursores da história da alimentação em nosso país, chamou a raiz de “RAINHA DO BRASIL”. A mandioca (*Manihot esculenta*, Crantz) é um dos mais importantes alimentos na dieta humana dos trópicos, onde é a quarta fonte de energia, depois do arroz, cana-de-açúcar e milho (Alves et al., 2007).

A comunidade Quilombola de Angico é localizada no município de Bom Conselho-PE, à 11 km do centro da cidade. Aos poucos, o quilombo foi formado por grupo de negros que começaram a migrar do quilombo de macacos, localizados na serra da barriga, no município de União dos Palmares em Alagoas e, também, de grupos originários do quilombo de Pedro Capa-caça. Em toda a história do Angico, o cultivo da mandioca esteve presente, fazendo parte não só da alimentação, mas também da cultura, formação social e econômica da comunidade. Apesar existente no quilombo, ao longo do tempo, houve uma diminuição significativa do cultivo e beneficiamento da mandioca, devido aos

problemas como, por exemplo, o fechamento das casas de farinha, a migração de uma parte dos habitantes para a zona urbana, a diminuição da importância econômica do cultivo e os escassos registros históricos da atividade no quilombo.

O ambiente escolar do Ensino de Jovens e Adultos Quilombolas (EJA Quilombola) proporciona o estudo, debate, incentivo, troca e transmissão dos saberes, favorecendo o desenvolvimento das potencialidades dos alunos. E, se uma atividade, promovida pela escola, pudesse contar a história e incentivar a continuação do cultivo e beneficiamento da mandioca? O nosso relato de experiência demonstra que os impactos do tempo quilombo, promovidos por meio do tempo escola, pode aumentar a interação entre as disciplinas, professores, alunos e comunidade, diminuir a evasão escolar, promover um relato histórico da comunidade, valorizar a cultura e os saberes existentes e auxiliar na continuidade das atividades do quilombo.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAIS

Promover a valorização e o fortalecimento das relações étnico-raciais, com base na identidade, história, cultura, diversidade, alimentação, relações com a terra e nas políticas públicas voltadas para a população quilombola.

2.2 ESPECÍFICOS

Desenvolver estratégias de estudos sobre as formas de organização social da comunidade quilombola de Angico, fomentar os saberes tradicionais em alunos, professores e comunidade, propor situações práticas de tempo quilombo sobre o cultivo e beneficiamento da mandioca, realizar atividades interdisciplinares no tempo escola, relatar a história da produção de alimentos do quilombo, desenvolver o projeto da museoteca da casa de farinha e permitir que os alunos sejam os protagonistas do ambiente escolar.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação Escolar Quilombola constitui uma modalidade específica no âmbito da educação básica brasileira, prevista na Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2012). Esse marco legal reconhece a importância cultural, histórica e territorial das comunidades quilombolas e orienta que o currículo escolar seja construído com a participação efetiva dessas comunidades, respeitando e valorizando seus saberes e práticas tradicionais.

Segundo Gomes (2012), a educação voltada para comunidades quilombolas não se limita à transmissão de conteúdos escolares, mas deve estar articulada com a valorização da identidade étnico-racial, a preservação da memória coletiva e a luta por direitos territoriais. Souza (2015), em pesquisa realizada no Quilombo Barreiro Grande, na Bahia, identifica que as pedagogias construídas a partir de referências culturais locais fortalecem a autonomia da comunidade e promovem maior engajamento estudantil.

Custódio e Foster (2019) destacam a insuficiência de materiais didáticos adequados, observando que, em muitos estados, o conteúdo ofertado não dialoga com a realidade das comunidades quilombolas. Cunha (2017) acrescenta que o território e suas dinâmicas sociopolíticas influenciam diretamente o funcionamento escolar, e que políticas públicas uniformes, desconsiderando as especificidades locais, tendem a ser ineficazes.

Portanto, a fundamentação teórica deste trabalho parte do entendimento de que a Educação Escolar Quilombola trabalha e fomenta o fortalecimento dos saberes e da ancestralidade dos quilombos, a produção de materiais culturalmente relevantes e a efetiva participação comunitária na escola. Esses elementos, apontados na literatura, servirão de base para a análise proposta, buscando compreender como tais aspectos se concretizam no contexto investigado.

4 METODOLOGIA

Tendo por base a pedagogia da alternância, nossas atividades são uma junção entre tempo escola e tempo quilombo. Segundo Begnami (2004), o conceito de alternância vem sendo definido, entre muitos autores, como um processo contínuo de aprendizagem e formação na descontinuidade de atividades e na sucessão integrada de

espaços e tempos. A formação inclui e transcende o espaço escolar, e, portanto, a experiência torna-se um lugar com estatuto de aprendizagem e produção de saberes em que o sujeito assume seu papel de ator protagonista, apropriando-se individual e coletivamente do seu processo de formação.

No tempo escola, trabalhando de forma multidisciplinar, os estudantes foram incentivados a realizar estudos sobre o tema mandioca e quilombos. Utilizamos estratégias de ensino como as rodas de diálogo e debates, proporcionando um espaço para a troca de experiências e ideias entre os alunos, professores e membros da comunidade, as leituras de textos, as atividades práticas, os vídeos ilustrativos e os documentários, os trabalhos individuais e em grupo, as fichas de exercícios e a pesquisa bibliográfica. No tempo quilombo, implementamos aulas práticas promovendo experiências tangíveis e permitindo a aplicação dos conhecimentos adquiridos, como, por exemplo, as aulas sobre o cultivo da mandioca, as visitas a moradores e alunos que possuem conhecimentos dos temas trabalhados, a participação em feiras, as viagens para outras comunidades quilombolas e, na tarefa principal do projeto, chamada de “PARTILHA DOS SABERES”, participam da reunião da associação quilombola do Angico, apresentando a parte teórica do projeto (apresentação em slides) e a parte prática das atividades.

5 ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS

O projeto foi desenvolvido pela EJA Quilombola da Escola de Referência em Ensino Médio Coronel José Abílio, no quilombo de ANGICO, município de Bom Conselho-PE, com os educandos da turma I de ANOS FINAIS e da turma I de ENSINO MÉDIO. Como sabemos, o processo de ensino e aprendizagem acontece de forma simultânea, multidisciplinar, contínua e sem divisões entre tempo escola e tempo quilombo. Porém, para fins didáticos, como forma facilitar a explicação, optamos por fazer a divisão entre esses dois processos de aprendizagem.

5.1 TEMPO ESCOLA

Durante o Tempo Escola, utilizando a disciplina de Práticas agrícolas como elo central entre alunos, comunidade e outras disciplinas do currículo escolar, trabalhamos de forma integrada na execução das aulas. Em vários momentos, nas disciplinas de matemática, português, ciências, história e geografia foram feitas atividades relacionadas aos temas saberes tradicionais, cultivo da mandioca e seus aspectos agrônômicos, sociais, históricos e econômicos. Como, por exemplo, a leitura do trabalho do tema escrevivência, de Conceição Evaristo, nas aulas de português, a montagem de linhas do tempo e fatos históricos em história. Em matemática, podemos citar as atividades trabalhadas sobre noções de espaço para o plantio de mandioca, cálculo de áreas, em ciências, assuntos como a compostagem, aspectos morfológicos da planta, os nutrientes presentes no alimento (as vitaminas, os minerais). Na disciplina de práticas agrícolas, o estudo dos solos, a adubação e o manejo do plantio da mandioca e a importância social do seu cultivo (Figura 1).

Em algumas ocasiões, realizamos aulas interdisciplinares, momento em que ocorreram debates, rodas de conversas e abordagens dos conceitos trabalhados em sala de aula e no tempo quilombo. É o currículo integrado na prática. Participação ativa dos alunos, troca de informações entre professores, estudo dos saberes, cultura e aprendizados da comunidade. O uso de materiais didáticos como os documentários em vídeo, as aulas em slides, as manivas, a mandioca, as comidas típicas (goma, a tapioca, a farinha, o beiju) e os depoimentos dos alunos, enriqueceram as aulas com os saberes, resgastes de memórias e vivências da comunidade. Como, por exemplo, o relato da aluna Marlene Beserra:

“ Queria pedir desculpas a todos por ontem. Me emocionei demais na aula e não consegui participar da roda de conversa. Chorei muito e acabei ficando sem voz. Esse assunto lembrou o meu já falecido pai, porque trabalhávamos juntos no plantio da macaxeira, na casa de farinha, na colheita, na raspagem, na prensa. Tudo lembra o meu pai. Comecei aos dez anos na roça. Meu sonho era casar de vestido de noiva (Figura 2). Não tinha dinheiro para isso, porém, com as vendas da farinha, realizei meu sonho. Ele me ensinou a poupar sempre uma parte dos ganhos da produção para realizar o meu casamento. Agradeço a Deus por essa aula, por voltar no tempo. Meu muito obrigado” (Marlene Beserra Marques, aluna da EJA Quilombola).

Compreende-se que a teoria e a prática são inseparáveis e que o ato educativo se traduz na práxis social quando aproxima a prática pedagógica e os estudos desenvolvidos na comunidade, agindo não só na obtenção do conhecimento e experiências novas e valiosas para a vida pessoal e individual, mas na inter-relação recíproca. Assim, a organização curricular do curso, embora tenha sido elaborada dentro dos limites permitidos pela legislação em vigor, foi sendo desenvolvida de modo a permitir que a efetivação de cada atividade curricular fosse ancorada numa práxis real, cuidando sempre para que a prática social dos/as educandos/as e da organização social da qual eles fazem parte não fossem ignoradas pelo processo (ARAÚJO; CARVALHO, 2016).

5.2 TEMPO QUILOMBO

5.2.1 INTERCÂMBIO CULTURAL (QUILOMBO DE CASTAINHO)

Se fizermos uma pesquisa básica em um dicionário, veremos que a palavra intercâmbio significa troca. Em termos mais práticos, adaptando para nossa atividade, estamos falando de troca de saberes, experiências e cultura. Organizamos, em nosso tempo quilombo, uma viagem para o quilombo de Castainho, no município de Garanhuns-PE. A comunidade é formada por mais de 350 famílias, descendentes de negros que sobreviveram à guerra dos Palmares, quando foi destruído o quilombo mais famoso da história do Brasil. Sua principal atividade econômica é a transformação da mandioca em farinha. A casa de farinha é símbolo da luta e da produção coletiva na comunidade. São também produzidos outros produtos como a massa, goma, beiju e bolo. O que era para ser estudo sobre o cultivo da mandioca, acabou se tornando em uma aula sobre cidadania, resistência, cultura e lutas por direitos básicos, como o acesso à educação e à saúde. Vimos que nada vem fácil para os quilombos. Cada conquista é resultado de muita organização, esforço, mobilização e dedicação de cada membro da comunidade. Vitórias como o programa luz para todos, o “minha casa, minha vida rural”, os programas de cisternas, a certificação da fundação palmares, a titulação das terras

quilombolas, a chegada de escolas para a comunidade, o centro de referência da assistência social (CRAS) quilombola.

Percebemos que, desde o plantio da mandioca, até a produção de seus derivados, são expressões do que significa ser quilombola. O cuidado com a terra, a época correta do plantio, os tratamentos culturais do cultivo, a colheita realizada em família, o trabalho coletivo nas casas de farinha, as formas de organização social da comunidade (Figura 3), como nos contou seu José Carlos:

“A terra destinada à agricultura, em nosso quilombo, é de uso coletivo, sendo apropriada de maneira familiar. Nosso principal produto ainda é a mandioca. Aqui, no início, não existia política pública alguma. Éramos abandonados pelo estado. Muitas vezes, passávamos necessidades até para ter o que comer. Porém, os nossos saberes nos salvaram. O saber cultivar a terra, o plantar, o fazer agricultura. Quando plantávamos a macaxeira, ninguém passava fome. Era alimento para a família que cultivou, para os amigos e para os familiares. Compartilhávamos esse alimento e o excesso da produção ainda era comercializado, gerando renda para nosso quilombo” (José Carlos Lopes, liderança quilombola de Castaíinho).

5.2.2 A CASA DE FARINHA E O GUARDIÃO DOS SABERES (QUILOMBO DO ESCORREGO)

Em mais uma atividade do nosso tempo quilombo, trabalhando de forma interdisciplinar entre os professores, alunos e comunidade, visitamos o sítio Ingazeira, na comunidade Quilombola de Escorrego, em Bom Conselho-PE. Conhecemos a casa de farinha do quilombo (Figura 4) e as histórias que vão desde o cultivo da mandioca, até a produção da farinha e outros derivados alimentícios importantes para a comunidade.

De início, fomos recebidos pelo senhor José Antônio Roque dos Santos, conhecido como “DECA”. Nascido no quilombo do escorrego e filho do Senhor João Roque dos Santos e da Senhora Helena Antônia dos Santos, ele foi o nosso guia pela comunidade e nos passou um conhecimento inestimável sobre a produção de farinha e, principalmente, as relações sociais e afetivas que envolvem essa atividade. Recebemos uma carga tão intensa de conhecimento e saberes da história do escorrego, que

arriscamos a dizer que o seu apelido não deveria ser “DECA” e, sim, o “GUARDIÃO DOS SABERES”.

Definir casa de farinha, apenas, como um local onde se produz farinha de mandioca e outros subprodutos é muito superficial e simplista. É necessário entender que ela é também a expressão cultural de um povo, lugar de socialização entre famílias e amigos e de boas histórias.

Descobrimos que uma casa de farinha não surge do nada. Ela é feita com muito esforço e conhecimento de cada quilombola da comunidade. O saber trabalhar com madeira para a estrutura do telhado e pilares, a arte do barro para a produção de telhas, a fabricação de tijolos, os mutirões realizados entre familiares, vizinhos e amigos para construção das estruturas e do piso. Em seguida, começamos a prática da produção de farinha. Depois da colheita da raiz, a mandioca foi levada para a casa de farinha. Momento em que é descascada para a limpeza e retirada das partes danificadas. Após a limpeza, é feita a trituração no Caititú. A mandioca ralada vai caindo em um cocho, sendo depois prensada, para a retirada da água e enxugamento da massa. Terminada a prensagem, a massa é peneirada e torrada e a farinha está pronta para o consumo (Figura 5).

A alimentação “constitui uma das atividades humanas mais importantes, não só por razões biológicas evidentes, mas também por envolver aspectos econômicos, sociais, científicos, políticos, psicológicos e culturais” (PROENÇA 2010, p. 2). Aprendemos, na prática, que o fazer farinha carrega a história dos antepassados, da relação quilombola com a terra, dos saberes ancestrais e das formas de organização e religiosidade dos quilombos.

5.2.3 PARTILHA DOS SABERES (QUILOMBO DE ANGICO)

O tempo comunidade (quilombo) caracteriza-se por um tempo de formação intencional que implica a reflexão crítica sobre o que se aprende, como se aprende, para que se aprende, a serviço de quê e de quem estão as aprendizagens e com quem se aprende. É realizado por meio de projetos educativos que se orientam por uma metodologia em que a educação deve estar vinculada ao mundo vivido dos sujeitos e a um projeto de desenvolvimento em favor da vida em suas distintas dimensões

(INCRA/PRONERA, 2005). Seguindo esses princípios, docentes e discentes apresentaram os resultados e descobertas para a comunidade, na reunião mensal da associação quilombola de Angico, e puderam partilhar os saberes e experiências com os membros da associação. Por meio de registros fotográficos e apresentação em slides, mostramos o trabalho desenvolvido e abordamos aspectos como a importância da preservação cultural, das viagens pedagógicas, da troca de conhecimento e da manutenção e divulgação da história de Angico (Figura 6).

Em nossa partilha dos saberes ficou visível a interação e o grande conhecimento que a comunidade já possui sobre o assunto mandioca e quilombos. Recebemos vários comentários positivos durante a nossa apresentação. Pessoas que lembraram histórias do passado, explicações sobre as ferramentas de trabalho e modos de cultivos, convites para que a escola faça visitas em locais com casas de farinha da comunidade, promessas de doações de peças de casas de farinha para o acervo e estudo que estamos realizando.

Ao incorporar elementos práticos no currículo, os alunos não só absorvem conhecimentos teóricos, mas também se envolvem em atividades que promovem a autonomia, a sustentabilidade e a valorização das práticas tradicionais como parte integrante dos seus estudos (BRUCE et al., 2019).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi elaborado, na prática, o currículo de forma integrada, participativa e ativa na comunidade quilombola de Angico. Os alunos aumentaram a participação nas aulas e, o mais importante, foram os autores principais do projeto. Eles, de maneira brilhante, trouxeram os seus saberes para a escola, contribuindo com conhecimentos ricos em informações científicas, pedagógicas e históricas. Atualmente, estamos dando continuidade as atividades e expandindo o projeto mandioca e quilombos. Construção de maquetes, estudos orçamentários sobre a viabilidade da construção de um espaço para a museoteca quilombola (espaço em formato de casa de farinha que não só preservará a memória da comunidade, mas também será biblioteca e ambiente de estudos) (Figura 7), visitas a outras casas de farinha, relatórios com depoimentos de moradores da comunidade sobre o cultivo da mandioca e recebimento de doações de

peças para o nosso acervo e catalogação são algumas das tarefas em andamento. Nossa iniciativa demonstra que o tempo quilombo, incentivado pelo ambiente escolar, relata a história dos quilombos, auxilia nos cultivos agrícolas e torna a escola mais humana e sensível a realidade dos alunos.



Figura 1: Tempo escola.



Figura 2: Rodas de conversa e debates no Tempo Escola.



Figura 3: Intercâmbio pedagógico (Visita ao Quilombo de Castainho)



Figura 4: Quilombo do Escorrego (Conhecendo a casa de farinha)



Figura 5: Trabalho prático na casa de farinha (Quilombo do Escorrego)



Figura 6: Partilha dos Saberes (Quilombo de Angico)



Figura 7: Museoteca Quilombola

Fonte: Arquivo dos autores

7 REFERÊNCIAS

ALVES, A., SILVA, A. F., QUEIROZ, D. C., & DITA, M. A (2007). Avaliação de variedades de mandioca para tolerância à seca, em condições semi-áridas do Brasil. *Revista Raízes e Amidos Tropicais*, 3, 1-5.

ARAUJO, M.N.; CARVALHO, L.F.O. Dimensões e potencialidades do tempo-comunidade e do estágio supervisionado na experiência do curso normal médio para educadores/as do MST in: I ENCONTRO BAIANO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO: TRABALHO, CONTRA-HEGEMONIA E EMANCIPAÇÃO HUMANA. I, 2016, Salvador.

Anais: I Encontro Baiano de Educação do Campo: trabalho, contra-hegemonia e emancipação humana, v. 1, n. 1, Salvador, Bahia, 2016. CDROM.

BEGNAMI, João Batista. Uma geografia da pedagogia da alternância no Brasil. Brasília: Cidade, 2004. (Unefab Documento Pedagógico).

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Diário Oficial da União, Brasília, 2012.

BRUCE, G. G. et al. O ensino da arte como construção do conhecimento de alunos dos anos. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/atlante/2019/09/ensino-arte-conhecimento.html>. Acesso em: 22 dez. 2023.

CUSTÓDIO, E. S.; FOSTER, E. L. Educação escolar quilombola no Brasil: uma análise sobre os materiais didáticos produzidos pelos sistemas estaduais de ensino. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 35, n. 2, p. 279-301, 2019.

CUNHA, A. M. da. A educação escolar quilombola na comunidade de Pinhões – Santa Luzia (MG): o entrecruzamento território, políticas públicas e docência. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

GOMES, N. C. A educação quilombola e os direitos étnico-raciais. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 17, n. 51, p. 1025-1042, 2012.

INCRA/ PRONERA. Documento-Síntese do Primeiro Seminário sobre o Tempo-Comunidade nos cursos formais do PRONERA. Brasília, DF, 2005. Texto digitado (circulação interna).

PROENÇA, Rossana Pacheco da Costa. Alimentação e globalização: algumas reflexões. *Revista Ciência e cultura*, v. 62, n. 4, São Paulo Oct. 2010.

SOUZA, S. P. de. Educação escolar quilombola: as pedagogias quilombolas na construção curricular. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

NOTA - Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.

Submitted on: 28/12/2025

Accepted on: 12/02/2026

Published on: 27/03/2026